

NO PINTCHA



ORGAO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Comemorou-se o Dia da Árvore

O Dia Nacional da Árvore foi comemorado pela segunda vez no nosso país. A iniciativa pertenceu aos Comissariados de Estado do Desenvolvimento Rural e dos Recursos Naturais, com o apoio da Juventude Africana Amílcar Cabral, que organizaram jornadas de trabalho voluntário, para a plantação de algumas centenas de árvores. Em Bissau, a jornada decorreu no Bairro de Ajuda e próximo do Comissariado de Estado das Obras Públicas, onde esteve o camarada Comissário Principal, João Bernardo Vieira (Nino), camarada Mário Cabral, Comissário de Estado do Desenvolvimento Rural e vários outros dirigentes do Partido e do Estado.

Em Empunhe, no sector de Bissorá, onde existe o único viveiro florestal do país e onde se deslocaram os camaradas Samba Lamine Mané, Comissário dos Recursos Naturais, João da Costa, secretário nacional da JAAC, José

(Cont. na página 8)

3.º ENTA recomenda

Recuperação de bolanhas no sul é prioritária para atingir a autosuficiência alimentar

O 3.º Encontro Nacional de Técnicos do Arroz, recomendou a adopção como prioridade para o seu trabalho futuro a recuperação de bolanhas no Sul do país, considerando-a forma viável para atingirmos, o mais rápido possível, a autosuficiência alimentar em arroz. Essa proposta aponta para a necessidade de aumentar a produção desse produto sobretudo nas regiões de Quínara e Tombali, através de recuperação de bolanhas e assistência técnica, no fornecimento de pesticidas e nos pequenos melhoramentos hidráulicos. O encontro foi encerrado na sexta-feira passada pelo Comissário do Desenvolvimento Rural, camarada Mário Cabral.

Ao Comissariado do Comércio, Indústria e Artesanato, o 3.º ENTA recomenda a colocação, nas principais zonas produtoras de arroz, de artigos de primeira neces-

sidade que possam ser adquiridos pelos camponeses; considerar a necessidade de estudar as diferenças de preços actualmente praticados para o arroz de forma a serem



Nem sempre a colheita chega a ser feita, devido às inundações...

compensados os enormes riscos que o camponês sofre durante os seis meses de cultura.

No que se refere à criação de um serviço de Multiplicação nacional de sementes do arroz, os técnicos acordaram na

(Cont. na página 8)

Reforço da cooperação com Conakry

Aspectos relacionados com a cooperação entre os dois Governos nomeadamente nos domínios da agricultura, do comércio e dos transportes e a necessidade de intensificar os contactos, no âmbito da grande Comissão Mista criada entre os dois países, foram temas dominantes da sessão de trabalho que reuniu em Conakry, desde quarta-feira,

os ministros dos Negócios Estrangeiros da República Popular e Revolucionária da Guiné e da República da Guiné-Bissau, respectivamente, Abdulay Touré e Victor Saúde Maria.

«Regressamos bastante satisfeitos com os resultados das conversações», afirmou o chefe da nossa diplomacia, no seu regresso de Conakry, ao fim da tarde de sexta-feira.

Efectivamente, no primeiro encontro com o novo ministro guineense, as duas partes analisaram as relações tradicionais que sempre existiram entre os dois Povos e Governos e pronunciaram-se pelo reforço das actividades e por um contacto mais frequentes, não só a nível dos membros dos

(Cont. na página 8)

Leia hoje:

Suplemento Cultural

(4 páginas)



Duzentos mil timorenses carecem de alimentos

(pág. 7)

O Complexo de Cumeré será inaugurado em 1980 (centrais)

Países da ex-CONCP cooperam nos seguros

Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe decidiram reforçar a cooperação no domínio dos seguros e previdência social, em particular na formação de quadros e na cédência do pessoal. A notícia foi dada pelo presidente do Instituto Nacional de Seguros e Previdência Social, camarada Rui das Mercês Barreto, no seu regresso de S. Vicente, onde decorreu o encontro nos dias 25, 26, 27 e 28 de Junho.

(Continua na página 2)

Líma Gomes regressa de Bruxelas e Belgrado

A possibilidade de acelerar o anadamento do projecto da estrada que liga Dakar-Banjul-Bissau e a forma de utilização de um donativo de 250 mil dólares concedido pela Jugoslávia ao nosso país, foram temas centrais das conversações mantidas junto da Comunidade Económica Europeia e do Governo jugoslavo, respectivamente, durante a missão de trabalho que levou o camarada Alberto Lima Gomes, Comissário das Obras Públicas, Construções e Urbanismo a Genebra e Belgrado. (Cont. na pág. 2)

(Continua na página 2)

Bissau e Praia coordenam acção conjunta no exterior

Cabo Verde e Guiné-Bissau decidiram coordenar uma acção conjunta junto dos países do Fundo Árabe e das organizações internacionais, informou o camarada Abubacar Touré, director-geral das relações internacionais do Comissariado de Coordenação Económica e Plano, no seu regresso do país irmão, onde manteve contactos com responsáveis do Ministério caboverdiano da Cooperação e Planeamento.

Com efeito, durante três dias de trabalho, as duas partes procederam, nas discussões havidas, a uma troca de experiência.

Milho abandonado ao sol e à chuva

Camarada Director

Como bom filho da nossa terra que me considero venho por este meio abordar e criticar uma situação que, quanto a mim, não pode acontecer num país como o nosso, muito menos nesta fase difícil que atravessamos. Somos um país pobre, onde muitas vezes, num ano, há carências de produtos de primeira necessidade. Vivemos numa terra em que a importação é muito superior à exportação por isso, há grandes problemas no que respeita à nossa balança comercial. Então, isto que eu vou enumerar nesta carta, não pode acontecer e se acontece tem que haver culpados.

Vi com os meus próprios olhos. Há dias passei perto da Dicol e, tive a oportunidade de ver que, nos Terrenos da Socomi há toneladas de milho abandonado ao sol e à chuva e, completamente deteriorado. Abordei um indivíduo que me pareceu ser o guarda do local que disse que aquele cereal já se encontrava aí há quase seis meses. Não sabia para o quê que se destinava mas que estava completamente infestado de bichos e a cheirar mal.

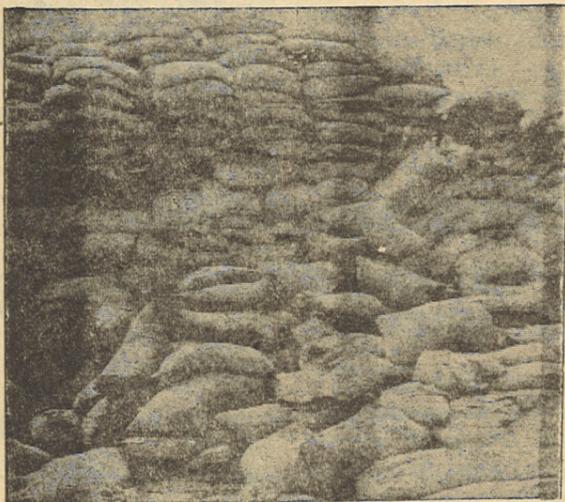
Mais tarde vim a saber que esse milho tinha sido dado à Guiné-Bissau por uma organização internacional amiga. Mas agora pergunto: Numa situação como a nossa em que há carências de produtos de primeira necessidade pode-se deixar apodrecer assim tão grande quantidade de milho? Claro que não pode ser. Mas então o que é que se passa? Se há pessoas que dormem nas portas dos Armazéns do Povo para conseguir um bocadinho de arroz para pôr no dia seguinte na panela como é que se pode deixar muitas toneladas de milho a deteriorar?

Se os sacos de baixo ainda estiverem em boas condições, penso que deviam ser oferecidos à população na medida em que já não é possível pô-lo à venda ao público. E se já não estiver bom, pode ser que sirva para alimento de animais.

Os responsáveis por isso deviam esclarecer convenientemente esta situação porque não fui só eu a ver o milho ali. Encontra-se à vista de toda a gente que passa pela estrada da «Socor».

Também deixo aqui bem claro uma coisa. Não devemos deixar estragar aquilo que os nossos amigos nos oferecem porque, se não nos dão, temos que os comprar mas, como é que os adquirimos se não temos divisas para importar e se não exportamos quase nada?

SONA MAWA



NOTA DA REDACÇÃO

Sobre a denuncia feita pela nossa leitora, o «Nô Pintcha» pôde confirmar a sua veracidade, como demonstra esta imagem captada no local.

Agora perguntamos. Quem será responsabilizado por este acto? Que medidas serão tomadas para que casos como este não voltem a verificar-se?

Tino Lima Gomes regressa de Bruxelas e Belgrado

CEE estuda propostas de financiamento

(Cont. da 1.ª pág.)

Durante a audiência com Claude Cheysson, comissário da CEE para o Desenvolvimento e na qual participaram igualmente os ministros das Obras Públicas do Senegal e da Gâmbia, foi expressa a preocupação do nosso Governo no que respeita ao financiamento de uma parte do estudo técnico, uma vez que já se encontra concluído o estudo económico.

«Tivemos uma boa receptividade por parte de Claude Cheysson e seus colaboradores», informou o Comissário das Obras Públicas que explicou que a princípio houve uma certa resistência quanto ao nosso pedido, pois o estudo visa apenas concluir partes da estrada, num total de 70 Km da nossa parte, 19 do Senegal e cerca de 20 por parte da Gâmbia. Ainda durante o encontro de Bruxelas, a nossa representação apresentou igualmente o pedido de extensão de ajuda da CEE para o estudo económico e técnico para a ponte de S. Vicente, sobre o rio Cacheu, uma vez já garantido o financiamento para a ponte de João Landim. Depois de uma certa reserva e devido ao interesse manifestado pelas partes senegalesas e gambianas, ficou decidido que a CEE iria estudar a me-

lhor forma de satisfazer o pedido.

Na Jugoslávia, o titular da pasta das Obras Públicas, que foi recebido pelo vice-presidente jugoslavo, Lazar Kolisevsky, manteve contactos com os organismos governamentais, a quem expôs a forma como o país desejaria utilizar o donativo de 250 mil dólares, concedido durante a recente visita ao país, daquele membro do Governo jugoslavo. Assim, foi apresentado uma lista das nos-

sas necessidades mais prementes em matérias de construções, que é uma das maiores faltas que o país tem enfrentado e no qual o Governo decidiu aplicar a ajuda. A parte jugoslava comprometeu-se, por seu lado, a fazer chegar a Bissau, no mais curto espaço de tempo, possivelmente em Outubro, todo esse material, aproveitando para isso um frete de um barco para Angola.

Por outro lado, durante a sua estadia em Belgra-

do, Tino Lima Gomes manteve vários contactos que classificou de muito proveitosos pois que, afirmou, elas permitiram constatar as possibilidades daquele país em matéria de construções de estradas, pontes e barragens e o grande interesse em colaborar conosco não só no domínio técnico, mas também na formação de quadros médios através de cursos acelerados de três a seis meses nos sectores de agricultura e das pescas.

Países da ex-CONCP reforçam cooperação no domínio dos seguros

(Cont. da 1.ª pág.)

As medidas tomadas informou ainda o nosso representante, visam uma melhor organização dos serviços, de forma a corresponder às necessidades dos respectivos países neste domínio.

Rui Barreto informou ainda sobre a entrada em vigor, em Outubro próximo, de certos seguros com carácter de obrigatoriedade. A medida, explica, está na base da política que orientou a criação do INSPS, que é evitar que grande parte das divisas do país saísse para o exterior, visto que até então todos os seguros eram feitos lá fora. O Ins-

tituto já faz alguns seguros e, segundo ele, com a entrada em vigor de vários outros, «qualquer cidadão verdadeiramente interessado na defesa da economia do nosso país não deverá pensar, de futuro, em fazer qualquer tipo de seguros fora do seu país».

Embora na reunião de S. Vicente os representantes dos cinco países se tivessem debruçado particularmente sobre os problemas de seguros (Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe só se fizeram representar neste sector), foi feita, no entretanto, uma ligeira panorâmica de previdência social. «A reunião foi ópti-

ma pois houve uma troca franca de ideias entre os participantes», disse Rui Barreto para informar sobre a realização do próximo encontro em Maputo provavelmente só no próximo ano.

Os resultados dos trabalhos, cujas sessões de abertura e de encerramento contaram com a presença, respectivamente, do ministro caboverdeano da Cooperação Económica, Osvaldo Lopes da Silva e do delegado do Governo em S. Vicente, Pedro Duarte, serão apresentados aos respectivos governos para uma tomada de posição conjunta entre os cinco países participantes.

Responde o povo

Que tal foi o ano lectivo?

Terminou ontem o ano lectivo 1978/79. «Nô Pintcha» através do Responde o Povo, perguntou a alguns estudantes. «Que tal foi este ano lectivo?» Responderam assim:

«Eu posso dizer que as coisas correram muito bem, e m b o r a tivesse duas negativas no primeiro período devido a minha brincadeira, mas as recuperei» assim começaria por nos responder a aluna Teresa Maria Garcia Saligneiro Rosa, de 15 anos, e que anda na 5.ª classe. Ela disse-nos que espera obter boas notas neste período dado o seu esforço e em colaboração com os seus professores que «são todos bons». Para a Maria Teresa «o único professor que não era bom já não está cá». Instado para onde é que ele foi respondeu-nos que «foi para Portugal» e não quis dizer o nome talvez por medo que ele possa vir a chumbá-la.

António José Ali Rodrigues, aluno da 5.ª classe que tem 12 anos, disse-nos que lhe correu mais ou menos bem, porque

«nem todos os professores são bons nas matérias a leccionar». Não hesitou em dizer que um dos tais chama-se «Agnêlo e não gosta de nos dar o último tempo». António José disse-nos que vai a extraordinária a três disciplinas, «porque dou pouca atenção às aulas». O camarada António Rodrigues asseverou-nos ainda que para o ano que vem «trabalhará mais». Perguntado já agora que curso pensava tirar, ele informou-nos de que gostaria tirar o curso de engenharia agrícola ou pilotagem.

O estudante-trabalhador, Emiliano Gomes (Yano), 21 anos, do 2.º ano Complementar, disse-nos que ele como aluno «é razoável» na medida em que tem notas para dispenhar e pensa que este ano escolar correu normal.

«O que quanto a mim não está normal-acrescentou Yano — são as férias que separam os dois períodos, que são muito grandes, o que faz os alunos esquecerem-se de muitas coisas aprendidas durante o período anterior». Ele acha que essas intercaladas deviam ser mais reduzidas, «porque vão até um mês», para que o ano lectivo possa ser mais curto, porque para ele se o ano é longo, nos últimos meses não se aproveita nada e torna-se menos rentável. «Os professores em geral estão no mesmo nível a não ser umas anomalias que verifico quando das substituições dos professores a meio do período, coisa que dificulta muito os alunos». Yano acha que a direcção do liceu devia primeiro ver se os professores se encontram em perfeita saúde para darem aulas durante todo o ano para que tais coisas não se repitam, tais como aulas intensivas que se verificam quase

todos os anos, e que não são nada rentável.

Yano terminou enviando uma saudação militante a todos os seus colegas finalistas; «A todos os finalistas, devo-lhes lembrar que as aulas acabaram, mas que a luta de Reconstrução Nacional continua».

REVER AS NOTAS DAS DISCIPLINAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E TRABALHO PRODUTIVO

Maria Luísa Gomes de 15 anos, também da 5.ª classe — fechou o nosso inquérito cheio de optimismo informando-nos que espera bons resultados, «porque lutei para isso». E manifestou o seu desejo de poder ver no próximo ano solucionado o problema das notas nas disciplinas de trabalho produtivo e educação física «que nos obrigam a despender muita energia sem nos dar a nota depois, essas notas que nós não damos não compensam aquilo que trabalhamos».

S. Nicolau muda de face

A ilha transforma-se para que os habitantes não partam e os emigrantes regressem

S. Nicolau está, numa palavra, a mudar de face. Vinte e dois furos de prospecção de águas subterrâneas já abertos, captações de nascentes e melhoramentos de galerias abastecem já de água potável 50 por cento da população da ilha (17 mil habitantes) e garantem o irrigamento de zonas de agricultura que há vinte anos não sorviam uma única gota. O problema fundamental da conservação do solo e da água é gradualmente anulado pela construção intensiva de diques, barragens, banquetas, plantação de árvores, nomeadamente fruteiras e velhas espécies desde há muito existentes na ilha, como a purgueira, o ricino e o café. A correção torrencial é já muito auxiliada pelas estações agro-hidro-meteorológicas. Cerca de 120 mil contos, de 1976 a 1980, financiados pela cooperação bilateral entre a França e o nosso país, e outras quantias do Fundo de Desenvolvimento Nacional estão a mudar por completo as condições de vida de S. Nicolau e a fazer dela uma das ilhas de futura atracção dos muitos milhares de nossos concidadãos emigrados.

O vasto programa de pesquisa e exploração de águas subterrâneas teve início em 1976. Grandes empresas francesas como a BURGIAP (Bureau de Géologie Appliquée), a ORSTOM e a SCET International foram contratadas pelo Ministério da Cooperação Francesa, chegaram hidrólogos, engenheiros genê-rurais, agrónomos tropicais, hidro-geólogos, sondadores de profundidade, martelos-compressores, perfuradores, motores compressores e todo o vasto equipamento que colocou em pé de guerra toda a ilha.

Três anos depois, 22 furos estão já abertos e a produzir. A título de exemplo, alguns números: Vila da Ribeira Brava, 5 furos, 4 com água, 18m³/hora, 14m³, 18m³, 14/m³; Carvoeiros, 1 furo de 112 metros com 7,5 m³ de capacidade de dotação mínima por hora; Queimada, 2 furos, 7,5m³/hora, 1,5m³/hora; Fajã, 1 furo de 145 metros de profundidade, com 5m³/hora, tirada por motor; Campo da Preguiça, 4 furos, um deles com 14m³/hora; Vale da Fajã, 1 furo de 146 metros de profundidade, com água ainda não testada.

Novas perfurações vieram alterar ainda mais a situação. 110m³/dia num furo do Campo da Preguiça vieram permitir o abastecimento da agricultura; 150m³/dia de um furo nos Carvoeiros, juntos aos 35,4m³/dia de uma galeria, garantem também o verde nos campos. Do Campo da Preguiça onde 100m³/dia serão destinadas à irrigação, partirá futuramente uma dotação de 200m³/dia para abastecimento da população da vila da Ribeira Brava.

MUITA ÁGUA NO TARRAFAL

O Tarrafal é, porém, um caso de notícia espectacular. Dois furos postos a funcionar em 1978 garantem um caudal de 300 m³/dia, abastecem de água potável a população da ilha e regarão brevemente dois hectares de



culturas agrícolas. A actual dotação de água extraída do sub-solo não teme o futuro desenvolvimento da vila que incluirá câmaras frigoríficas e todas as infra-estruturas ligadas ao apoio e ao desenvolvimento à pesca artesanal da ilha.

Num novo furo de dotação mínima horária, de 70 m³/hora, causou recentemente nova alegria à população da vila do Tarrafal, mas a sua exploração não é, por enquanto, necessária, estando a ser utilizado para fins de informação do potencial hidráulico da zona, antes de estarem concretizadas as condições de aproveitamento do novo caudal de água de quantidade surpreendente.

Cooperação francesa e Fundo de Desenvolvimento Nacional, em acção conjunta dos técnicos franceses e do MDR, levam, entretanto, a cabo, um programa extenso de melhoramento de galerias, aprofundamento de captação de nascentes, construção de canalização e tubagens para abastecimento às populações e para a condução da água aos terrenos a irrigar.

CONSERVAR O SOLO

Mas talvez maior que o problema da falta de água, o verdadeiro grande problema da ilha de S. Nicolau é, na opinião dos técnicos abalizados o problema da conservação do solo e da água. Diques, barragens, banquetas vêm sendo edificadas em ordem ao combate da desertificação, ao escavar progressivo e destruidor dos vales, à acção do vento e da seca, que nalgumas partes se estendia, até ao ano passado, havia já 20 anos.

Também para uma efectiva correção torrencial, só no vale da vila da Ribeira Brava, por exemplo, está prevista a construção de 180 diques de retenção de terras e recar-

ga das nascentes, para além de todo o trabalho de edificação de socacos.

A plantação de árvores é fundamental. Quarenta e cinco mil árvores foram plantadas em S. Nicolau no ano passado, tendo-se registado uma percentagem de pegamento da ordem dos 80 por cento.

O programa para este ano é ainda mais ambicioso, mas todo o esforço de combate à erosão e à desertificação é completado com a plantação de 2 hectares de café, introdução de millet (forragem), mongolão e de outras novas variedades. Plantação de purgueira e de ricino (600 quartas semeadas no ano passado) vêm reforçar ainda mais a conservação do solo e aumentar os pulmões verdes da ilha da «Rocha Scribida».

Pedra auxiliar de todo este trabalho complexo são as estações agro-hidro-meteorológicas e os 15 postos pluviométricos e pluviógrafos. Fornecem um conjunto de dados essenciais à planificação de todos os trabalhos agrícolas em curso, possibilitam um conhecimento exacto das condições de clima dos pontos fundamentais da ilha e justificam a validade da introdução de novas culturas ou das recuperações de culturas já praticadas. Dão, por outro lado, elementos seguros relativamente à quantidade da água das chuvas, facilitarão a defesa dos terrenos contra a erosão, fornecerão dados à correção torrencial e levarão ao aproveitamento das águas de escurrimto superficial.

Recomeçou trabalho do Partido no Sal

A apresentação do novo 1.º Secretário do Partido e a organização sobre a reactivação do trabalho do Partido na Ilha foram pontos que preencheram a ordem do dia da Assembleia de Militantes do Sector Autónomo do Partido na Ilha do Sal, ocorrida no dia 4 de Junho.

Ao usar da palavra ante a Assembleia, o novo 1.º Secretário da Ilha, Manuel Pereira Silva, analisaria a situação desorganizada em que encontrou as estruturas do Partido

fruto de um trabalho extremamente negativo e tendenciosamente conduzido pelo seu antecessor, Eugénio Inocêncio (Dududa), que visava interesses estranhos aos interesses do Partido.

Seguidamente, exortou os militantes para a necessidade de reforçarem a sua actividade com dedicação e responsabilidade e teceu em linhas gerais, as novas orientações que irão servir de base para a reactivação do trabalho do Partido na

ilha.

Esta Assembleia reveste-se de grande importância não só devido à necessidade que se fazia sentir de melhorar a actividade do Partido como também pelas considerações delineadas pelo 1.º Secretário. Por outro lado, realizou-se no dia 5 uma reunião com os responsáveis de diversos departamentos, com o intuito de elaborar o programa comemorativo do 4.º aniversário da Independência nacional.



AMILCAR CABRAL

AS LIÇÕES DE PINDJIGUITI

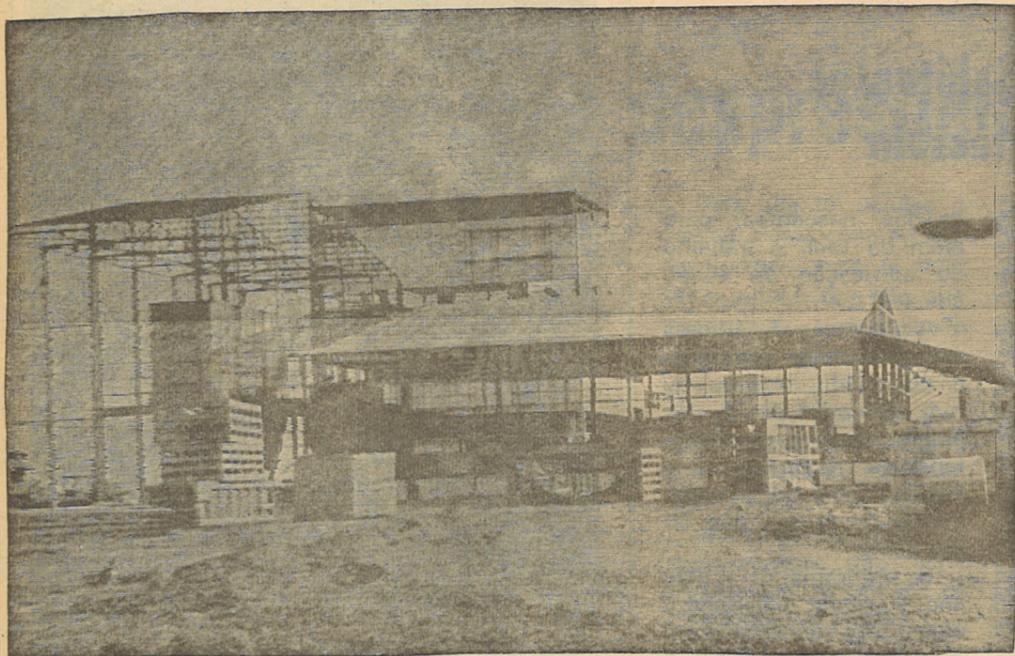
DEZ ANOS DEPOIS DO MASSACRE

Esta realidade nova, criada pelo nosso próprio povo, pelos militantes e os combatentes do nosso Partido, e reforçada no decorrer de de 1969, é a seguinte: hoje, não pedimos ao governo português que reconheça o nosso direito à autodeterminação, nem que nos dê a autonomia ou a independência, porque há muito nos autodeterminámos e somos realmente autónomos, independentes e soberanos na maior parte do nosso território nacional. Lutámos, sim, e lutaremos até à vitória total, para expulsar do nosso país as tropas estrangeiras, para completar a libertação do nosso povo na Guiné e Cabo Verde e, assim acelerar a conquista da independência e construir na paz o progresso ao qual temos direito. Quer seja em volta duma mesa, pela negociação, ou no campo de batalha, para a vitória da nossa luta armada de libertação, é esse o único objectivo que temos em vista e que justifica os sacrifícios feitos e a fazer, e o qual temos a certeza de atingir. Os que ainda não compreenderam isso, ou ignoram a realidade da nossa vida e da nossa luta ou fingem ignorá-la.

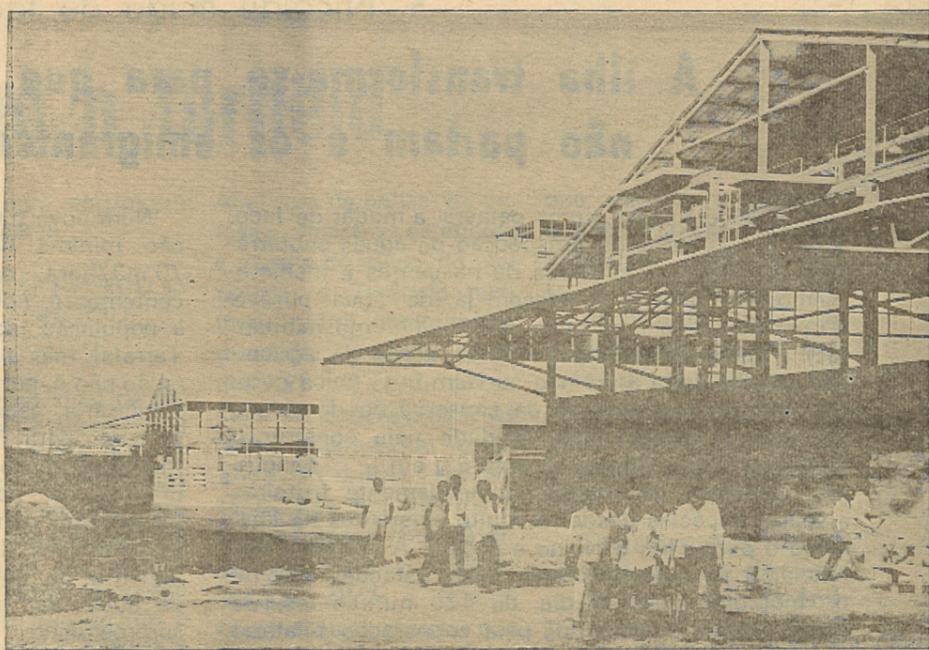
É no âmbito desta realidade que teve de se colocar, apesar da propaganda do inimigo, a suposta «visita» do chefe dos colonialistas portugueses ao nosso país, em Abril de 1969. Não deixou com certeza de dar conta do carácter ridículo da situação em que se encontrou as poucas horas que foi forçado a passar em Bisau. Esta medida vem reforçar as possibilidades, para a milícia popular, de desempenhar melhor as suas funções de segurança e de vigilância nas regiões libertadas, e dá às populações destas regiões meios novos para uma autodefesa activa contra os crimes dos colonialistas portugueses. Mas prova, em todo o seu significado histórico, o carácter popular da nossa luta, ao mesmo tempo que reflecte o nível elevado de consciência política das nossas populações.

Em Cabo Verde, onde a nossa actividade política é ainda clandestina, os progressos realizados no decorrer de 1969 ultrapassaram significativamente as nossas previsões. Desenvolveu-se e consolidou-se a organização do Partido em algumas ilhas, nomeadamente no campo e entre os trabalhadores em geral. Milhares de panfletos e outros documentos do Partido foram amplamente distribuídos em todo o Arquipélago, e reforçadas as condições necessárias a uma nova fase da luta.

Relatório sobre a situação da luta, Janeiro de 1970 (Extractos).



As paredes laterais e o tecto são construídas em fibras metálicas



Aspecto do complexo do Cumeré quando era visitado pela delegação do Banco acompanhado do engenheiro Afonseca

O Complexo Agro-Industrial de Cumeré será inaugurado em

- 70 por cento de produção para exportação ● participação no equilíbrio da balança comercial
- financiamento garantido no estrangeiro

O Complexo Agro-Industrial de Cumeré, situado defronte a Bissau, estará pronto para entrar em funcionamento, a partir do primeiro trimestre do próximo ano. Esta fábrica que começou a ser construída em Abril de 1978, terá dimensões adequadas às actuais possibilidades económicas da nossa terra — informou-nos o camarada engenheiro Afonseca, Director-Geral do Projecto.

A capacidade anual da fábrica é de cerca de 50 toneladas de arroz em casca, trabalhada em três turnos, 70 toneladas de mancarra também em casca e 1.500 toneladas de óleo de palma. Com essas quantidades podem sair 20 mil toneladas anuais de óleo bruto, exclusivamente para exportação, cinco mil de óleo refinado, 19 mil de farinha protéica, seis mil de ração animal, três mil toneladas de sabão e 36 mil toneladas de arroz descascado. Mas, até este momento, a produção do arroz e da mancarra não chegam para alimenar a capacidade máxima de produção do complexo agro-industrial.

Somos um país produtor de mancarra, arroz e óleo de palma. Todos esses produtos são enviados para o estrangeiro como matéria prima. A mancarra é unicamente descascada e o arroz tratado nas fábricas de descasque, bastante rudimentares, que possuímos. Mas interessa muito mais à Guiné-Bissau exportar produtos já transformados porque são mais rentáveis e incorporam mão de obra nacional.

O complexo permitirá transformar toda essa mancarra em óleo bruto, valorizando o nosso principal produto agrícola de exportação, o que aumentará em alguns milhões de pesos o seu valor. Criará condições para o descasque do arroz para todo o consumo nacional. Além disso fabricará sabão e óleo refinado em embalagens pequenas, que po-

derão satisfazer todo o consumo nacional e ainda o de Cabo Verde, farinha protéica e ração animal, o que abrirá grandes perspectivas para o desenvolvimento da pecuária no nosso país.

NECESSIDADE DE CONTROLAR A PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Para que o complexo não dê prejuízos, tem que trabalhar pelo menos a 57 por cento da sua capacidade máxima de produção, com 23 toneladas de arroz e 40 toneladas de mancarra em casca. Essa é a quantidade que se comercializa neste momento no nosso país. Recorde-se que na sessão inaugural da Assembleia Nacional Popular, em Maio deste ano, o camarada Presidente Luiz Cabral dizia que «precisamos de 70

mil toneladas de mancarra e 50 mil toneladas de arroz para essa fábrica e temos que ser capazes de produzir essa quantidade. Somos capazes de produzir se controlarmos efectivamente as sementeiras que são utilizadas em cada área da nossa terra. Parece-me que podemos alcançar muito nesta fase se dermos prioridade a fechos de rios nas zonas de produção de arroz».

O investimento total da empresa mista agro-industrial é de 21 milhões de dólares e, como anunciámos numa das nossas edições mais recentes, com capacidade social de 70% para a Guiné-Bissau e 30 por cento pertencente ao Banco Islâmico de Desenvolvimento (BID). A participação do nosso Governo no capital social será financiada pela Arábia Saudita num montante de cerca de cinco milhões de dólares, pelo Fundo Especial da OPEP, num valor de dois milhões de dólares, com um milhão utilizado no equilíbrio da balança de pagamentos. O Fundo de Abou-Dabi estudou também a hipótese de financiar o projecto mas não se chegou a concretizar. Face a isso foi concedido uma parte da Bélgica cuja taxa de juro é bastante elevada. A Caixa Central de Cooperação Económica Francesa também vai financiar a parte respeitante à Assistência técnica.

Saliente-se que as obras do complexo começaram sem qualquer financiamento do estrangeiro, e apenas à custa do fundo do tesouro do nosso país. Já foi paga uma parte mas é necessário recuperar todo esse dinheiro de que precisamos para a nossa vida quotidiana.

Esta fábrica, segundo conseguimos apurar tem uma grande importância para o aumento do nível de vida dos nossos camponeses que foram a camada mais desfavorecida durante a dominação colonial e para o desenvolvimento da nossa economia nacional porque, graças à exportação do produto manufacturado, vai equilibrar em boa parte a nossa balança comercial e a de pagamentos.

ABASTECER O MERCADO INTERNO

O complexo tem como objectivo primeiro abastecer o mercado interno em óleo e arroz descascado e exportar essencialmente o óleo bruto para aquisição de divisas. O óleo refinado também será exportado para a República irmã de Cabo Verde em tambores e só depois em embalagens pequenas.

Para transportar a matéria prima do local de produção para a fábrica, vão ser adquiridos, brevemente, 12 camiões e, provavelmente serão construídos armazéns de «stock»

locais porque, a fábrica não vai poder armazenar toda a produção anual e transportar tudo de uma só vez. Os produtos finais serão entregues à porta da fábrica aos consumidores que até este momento são a Socomi e os Armazéns do Povo, pois eles é que detêm o monopólio da comercialização em todo o país.

O óleo bruto será transportado para o porto de Bissau através de «pipelines» com o comprimento de oito quilómetros onde serão montados dois grandes reservatórios de dois mil metros cúbicos cada.

Neste momento, trabalham no Complexo de Cumeré cerca de 250 nacionais de variadíssimas profissões porque a construção implica a existência de muitos operários, e seis técnicos italianos, além de uma brigada composta por elementos da Juventude Livre Alemã. Mais tarde a fábrica irá empregar 125 pessoas com qualificações adequadas, e os técnicos estrangeiros (franceses, belgas e italianos) trabalharão lado a lado com os nacionais tanto na organização como na produção. A gestão da empresa vai ser nacional com a assistência técnica que está a ser negociada com o estrangeiro.

As máquinas que já se encontram no complexo foram compradas na Itália e as que faltam, virão da Bélgica. Visto esta em-

presa necessitar de dros devidamente feitos em várias especialidades desde a organização a manutenção e a produção, estiveram no ano passado na Itália 10 técnicos que já regressaram ao país. Brevemente serão solidificados os novos quadros para fazerem estágios e participarem nos cursos junto dos fornecedores de equipamentos italianos.

COMO VAI SER O COMPLEXO DE CUMERÉ

O complexo ocupa uma superfície de 250 metros por 180. As paredes e o tecto são todas em fibras metálicas. Todos os edifícios já têm paredes laterais e tecto, menos a parte que será destinado a oficinas, refeitório, oficinas de reparação e laboratório. Nos que já estão construídos falta também encaixar os vidros. As vigas já se encontram no local e foram montadas mas falta a parte de acabamento entre elas. Isto tem sido uma grande dificuldade no acabamento do complexo porque, há uma grande falta de mão de obra qualificada para este tipo de trabalho.

Quem chega a Cumeré sente que estamos a viver uma realidade diferente. Mesmo do Porto de Bissau já se podem ver os grandes edifícios construídos



SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMEN
 CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL
 SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CU
 CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPL
 SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTU
 CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLE
 SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTU
 CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLE
 SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTU
 CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLE
 SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTU
 CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLEMENTO CULTURAL SUPLE

Em fase avançada o Monumento aos Mártires do Colonialismo

Encontra-se em fase bastante avançada a construção do Monumento aos Mártires do Colonialismo, em homenagem aos nossos marinheiros que foram vilmente massacrados pelos colonialistas portugueses na tarde de 3 de Agosto de 1959, no Porto de Pindjiguiti.

O monumento terá que ficar pronto até o dia 31 de Julho e a sua inauguração enquadrar-se nas comemorações, a nível nacional, do XX Aniversário do Massacre de Pindjiguiti. Os trabalhos iniciaram-se em Março último com a terraplanagem e, só em meados de Maio é que começaram propriamente dita as obras de construção.

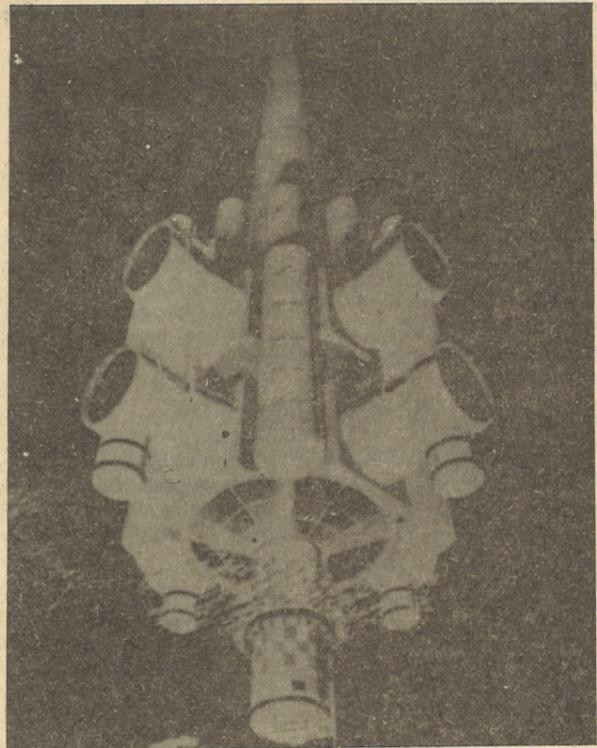
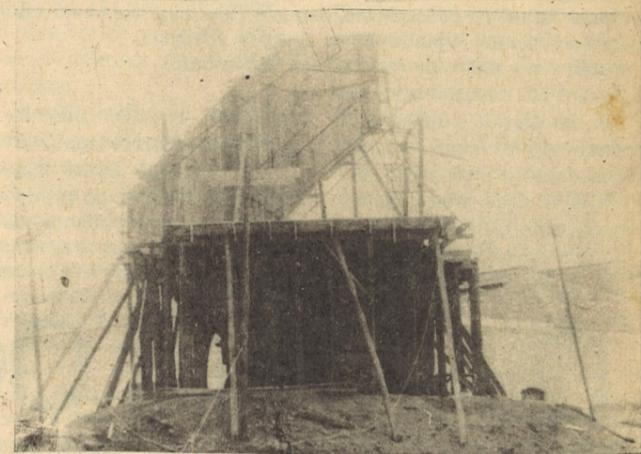
Este monumento é um punho virado para o mar. Tem cerca de sete metros de altura acima do terreno e assenta numa fundação de cerca de três metros de profundidade. A construção é feita em betão armado e será revestido

com ardósia. Ao lado do monumento está a ser construído um anfiteatro para espectáculos, com a respectiva tribuna de honra e um posto de transformação. Será feito também o ajardinamento e arruamento à volta do monumento. Toda a zona vai ser iluminada através de projectores e circundada com mastros para bandeiras.

Segundo nos informaram no local das obras, o trabalho poderia estar muito mais adiantado mas a falta de gasóleo tem dificultado o transporte de material. A construção está a ser executada pelo Comissariado de Estado das Obras Públicas, Construção e Urbanismo, com cerca de 96 trabalhadores. Os operários têm trabalhado pelo menos 12 horas por dia incluindo sábados, domingos e feriados para apron-

tar tudo na data prevista. O projecto de arquitectura foi elaborado pelo jugoslavo

Arsenik Nicola e o de estibabilidade pelo engenheiro italiano Angiolo Rossely.



Plataforma geradora de electricidade

Actuando sobre a superfície do mar, o equipamento aproveita a energia solar acumulada nas águas. A estrutura que a foto mostra, tem 75 metros de diâmetro, 480 de comprimento e pesa cerca de 300 mil toneladas, com capacidade para iluminar uma cidade de 10 mil habitantes.

Kwame Nkrumah e a ideologia da independência africana

A Valorização do Crioulo

(CENTRA)

A corrente eléctrica pode salvar o coração

(PAG)

Alimentar a humanidade

Seleção das espécies como solução do problema

A população do mundo cresce. Por volta do ano 2.000, ultrapassará os seis mil milhões de pessoas. O problema alimentar agrava-se. Propõem-se diversas soluções.

Segundo o professor Nikolai Tsitsine, seleccionador conhecido, a fórmula que parece ser, entre outras, a mais prometedora é a da elevação do rendimento das plantas agrícolas graças à selecção, isto é, a criação de variedades que teriam durado séculos a atingir a perfeição «programada». Seria assim possível obter um ganho da produção quase sem aumentar os custos.

Este tipo de trabalho selectivo está bastante desenvolvido nos países socialistas. O facto de três quartos das culturas agrícolas se encontrarem em zonas de difícil agricultura, constitui um problema que, pouco a pouco, tem vindo a ser superado. As novas variedades obtidas artificialmente têm por isso que apresentar um rendimen-

to elevado e estável nas diferentes zonas geográficas, com características de poderem resistir ao frio e à seca.

Existem já variedades que satisfazem estas exigências. Assim, variedades como a «Mironovskais-808», a «Odeskaia-51» e muitas outras, fornecem setenta quintais de trigo por hectare em terrenos regados.

O MILHO EM «SEGUNDA JUVENTUDE»

O milho, que é uma das culturas mais antigas, vive hoje a sua segunda juventude. O rendimento de alguns novos tipos ultrapassa mesmo os cem quintais por hectare.

Os cientistas soviéticos obtiveram uma variedade cujos grãos contém 1,5 vezes mais de lisina (matéria básica para a produção de albuminas animais) que as variedades ordinárias. Na criação de gado, isto permite economizar até 30 por cento nas

forragens. Por outro lado, melhora a qualidade da carne. As novas variedades de girassol constituem também um exemplo clássico, pois os seus

gastos contém cinquenta por cento de óleo.

Diversas orientações presidem a todo este trabalho de selecção. A hidrificação,

por exemplo, é uma das orientações mais prometedoras, tendo em vista o crescimento das plantas selvagens. Geralmente, «projecta-

se» e depois elabora-se sobre o plano da graminha pretendida.

Continua na pág. 4



Crónica: Vendedor de mancarra

Eu sou o vendedor de mancarra.

Bilhete de identidade «em dia», olho vivo, cuidado com a caneca.

Vendo com gosto, palmilho o que for preciso, tenho quinze anos e uma paciência de séculos.

Prefiro o cair da tarde. (As ruas de Bissau já aveludadas pelas primeiras sombras). Aí começo a vender. Não entendo mais esse homem barrigudo e sério, sujeito de óculos e carro grande que compra só um peso e meio. Quem tem barriga grande precisa comprar quantidade. Miúdos mesmo (da escola) que querem comprar mancarra é preciso olho neles. Eu, aqui onde estou, não fio nem me fio. Têm a mania do gozo mas eu pego neste ofício com as coisas levadas bem a sério. Trago mancarra para vender e há-de vir inda o primeiro que me lixe com as contas. Vendo bom e barato, sei até de países onde o viajante paga notas grandes de dinheiro só por uma mancarrazinha porque está dentro de caixa bonita com apresentação.

Aqui, onde estou, no passeio da «Sol-Mar», ninguém há de me levar o produto na brincadeira, haja respeito pelos grãos de mancarra que eu tenho pra vender em toda a esquina e em todo o lado. Quero a minha gente (a minha classe), organizada e respeitada, miúdos, mulheres e velhotes, na tabanca ou na cidade nós somos os vendedores de mancarra.

Ontem e hoje, flores da nossa luta amanhã, continuadores da obra de Cabral

«Nós, do PAIGC, podemos dizer com orgulho que temos respeitado desde o começo da nossa luta, a defesa dos direitos da criança. Isso foi o que nos ensinou o camarada Amílcar Cabral. Se queremos ser fiéis à nossa luta e à mensagem de Cabral, temo que continuar a criar condições cada vez melhores, para que os direitos das nossas crianças sejam respeitadas em todos os pontos da nossa terra. «Estas palavras, proferidas por um professor do Jardim-Escola Titina Silá, mostra de maneira clara e objectiva a forma como devemos tratar as nossas crianças, que Cabral sempre amou e por quem lutou.

Em 1945, no Congresso das Mulheres, realizado em Paris, ecoaram na tri-

buna do Congresso as seguintes palavras: «Juramos solenemente lutar pela criação das condições indispensáveis ao desenvolvimento feliz e harmonioso das nossas crianças e das gerações vindouras». Foi a partir daí que o primeiro de Junho passou a ser o Dia Internacional da Criança, lembrando assim às sociedades a sua responsabilidade pelo destino e educação da geração ascendente no nosso planeta.

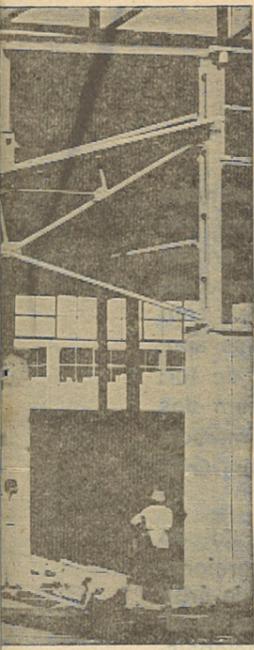
A verdade é que, enquanto existir imperialismo e subdesenvolvimento, haverá no mundo muitas crianças infelizes. Milhões de crianças morrem de fome por causa das doenças ou por causa de um trabalho penoso e extenuante; há crianças que

nunca frequentaram a escola; a delinquência infantil, em vez de diminuir, aumenta em larga escala.

Em 1959, a Assembleia Geral das Nações Unidas afirma solenemente os direitos da criança, isto é o direito à vida, a protecção contra qualquer forma de

exploração, o direito a condições de existência digna. Se as crianças têm esses direitos internacionais reconhecidos, nós, os adultos, temos o dever de respeitá-los. Essa também foi um dos objectivos da nossa luta de libertação nacional, fazer com que as nossas crianças se sintam felizes e possam vi-

ver livres numa terra livre e próspera. As nossas preocupações principais são fazer com que elas tenham todo o apoio do nosso Estado e boas condições de vida, porque elas serão os homens e as mulheres de amanhã e continuadores da obra do nosso imortal líder, camarada Amílcar Cabral.



Plano de Desenvolvimento

80

em metal cor-de-laranja. Cumeré é um dos projectos mais ambiciosos que temos. Por isso o Governo da Guiné-Bissau deposita nela muitas esperanças.

O complexo terá uma linha do descasque do arroz, outra da cancrara e uma de fabricação do sabão. O arroz chega à fábrica, é descarregado e canalizado para os silos e depois para as máquinas de descasque. A seguir o arroz é ensacado e armazenado.

A mancarra que depois de ser transportado em elevadores dos silos, vão para as máquinas de descasque. As sementes serão preparadas depois através de cozedura e seguirão para a primeira extracção onde sairá 85 por cento de óleo bruto. O resto irá ainda para os laminadores acrescentando um dissolvente. Passando para a segunda extracção sairá a totalidade do óleo bruto. A farinha que resta é armazenada e preparada para ração animal. Uma parte do óleo bruto é refinado daí saído a pasta de sabão que juntamente com o óleo de palma é conduzida para a sabonaria de onde sai o sabão que depois é embalado. Os silos de arroz comportam cerca de 600 toneladas cada, e os dois de mancarra, 2500 toneladas cada.

Angola

O futuro da VINELO dependerá do progresso da agricultura

Numa área de 56.000 metros quadrados, os «Barreiros e Vicente» iniciaram a construção da VINELO em 1971, no município de Cambambe-Dondo. Esta obra viria a concluir-se dois anos depois, originando em seguida o seu pleno funcionamento produtivo, paralisado parcialmente em 1975 com a segunda guerra de libertação nacional.

Hoje, depois de todos os problemas naturalmente causados por uma situação de guerra, a VINELO, indústria transformadora de fruta, encontra-se intervencionada pelo Estado da República Popular de Angola, sob o directo controle do Ministério da Indústria e Energia.

Com efeito, paralisada a maioria das máquinas pertencentes àquela unidade de produção, actualmente pode contar-se apenas com o funcionamento do sector de destilaria e fabricação de vinho.

Apesar de tudo, o plano de produção estabelecido para este ano, prevê o fabrico de dois milhões de litros de vinho, o que se condiciona necessariamente à quantidade de fruta existente. E isto apenas, porque na verdade não se poderá contar com matéria-prima suficiente para a produção de conservas de hortícolas e fruta, sumos naturais e concentrados, sem esquecer evidentemente, a paralisação de uma série de máquinas.

A CAPACIDADE PRODUTIVA DA VINELO

Em pleno funcionamen-

to, a VINELO poderá considerar-se, sem lugar para dúvidas, uma unidade industrial relativamente importante para a economia nacional.

Na verdade, a fábrica conta com uma capacidade de produção de 9 milhões de latas de conservas de fruta, de diverso tipo, para além de poder transformar anualmente a quantidade necessária de sumo para 3 milhões de latas e 2 milhões de garrafas. Treze milhões de litros de sumos concentrados, bebidas fermentadas e aguardente, é outro dos níveis de produção que poderá ser alcançado pela VINELO.

Por outro lado, poderá ainda contar-se com a produção de 500 mil litros de vinagre e 4 milhões e 250 mil latas de sumos concentrados de citrinos, maracujá, ervilha e feijão.

Para as actuais actividades apenas de fabricação de bebidas fermentadas, a empresa tem 123 trabalhadores. Note-se que para o seu funcionamento normal são necessários 700 operários, o que significa que 577 des-

tes ficaram sem emprego, após a paralisação da maior parte dos sectores da fábrica. Segundo nos foi dado a conhecer, neste momento, encontra-se em estado de conservação o vinho Bavi (aniz) e em distribuição ao consumidor o Brandy, que é aproveitado da destilagem de um outro tipo de vinho, depois de queimado.

PLANOS PARA O FUTURO

Se analisarmos devidamente a capacidade de transformação da VINELO, chegaremos à conclusão de que ela é uma das poucas fábricas do género montadas no nosso continente e com tais características, particularmente, na parte Austral da África.

De salientar, entretanto que para se tentar superar, a curto prazo, a carência de fruta, o Ramo da Indústria Alimentar firmou um acordo com o Ministério da Agricultura, no sentido deste dispensar um terreno que reúna as condições necessárias, para o cultivo dos produtos de que a fábrica necessita para o seu pleno funcionamento. «Nós estamos dispostos sempre que for possível, a darmos a nossa colaboração neste campo, para que a nossa fábrica possa arrancar o mais depressa

possível» — referiu um dos trabalhadores mais antigos, hoje encarregado da manutenção da maquinaria.

Com efeito, o desenvolvimento da agricultura resolverá num futuro próximo, não os problemas da população no tocante a bens de consumo, mas também do ramo industrial, factor decisivo para o avanço da nossa economia.

A decisão do MPLA-Partido do Trabalho em dedicar o ano de 1978 ao sector da agricultura, enquadrou-se precisamente neste âmbito. O desenvolvimento de vários sectores-chaves da economia do país, depende do avanço dos trabalhos no campo, por isso os esforços e atenções dedicadas à questão. Os resultados, por outro lado, não são maiores e melhores porque lutamos contra uma série de dificuldades impostas pela natureza. As chuvas caíram tarde. De qualquer modo podem ver-se já com satisfação os resultados dos nossos primeiros passos.

Cinquena por cento do que se produz actualmente na VINELO é entregue à delegação do Comércio Interno do Kwanza-Norte e o restante, destinado a outras províncias. Os produtos fabricados são dis-

tribuídos aos comerciantes privados mediante a apresentação de um documento, passado pelos respectivos comissariados e posteriormente visado pela representação do Comércio Interno, no Dondo.

O sector de fabricação de vinho estava paralisado, quando o visitámos. Os trabalhadores dedicavam-se à limpeza e manutenção das máquinas, tentando, mantê-las sempre operacionais. De vez em quando, segundo nos foi dado a conhecer, aparece alguma fruta. Mas porque são de plantações que desde há três anos não tiveram qualquer tipo de tratamento, não reúnem o mínimo de qualidade exigida para a conserva em calda, sumos concentrados ou naturais.

Um dos problemas com que os trabalhadores se debatem, refere-se aos transportes. A maioria mora muito distante, quatro ou cinco quilómetros do Dondo e é com bastante dificuldade que conseguem ser pontual. A única viajatura da empresa, dedica-se apenas à transportação de matérias-primas de Luanda para o Dondo, distribuição de produtos ou recolha de vasilhame.

Há que reflectir sobre a questão, tentando no mais curto espaço de tempo resolver um problema que se torna preocupante.



Taça de Arbitros

Os dois finalistas desprestigiaram o torneio

O Torneio saiu desprestigiado, a taça não teve outra alternativa senão voltar a casa e os jogadores acabaram por remoeir dentro de si, a cena que proporcionaram ao público. Tudo isso aconteceu na final do torneio, que a Comissão Central de juizes de futebol organizou para comemorar o «Dia Internacional de Arbitros».

Não restam dúvidas de que a intenção dos árbitros era boa. Só que alguns jogadores não foram capazes de valorizar a festa, faltando simplesmente com a palavra disciplinada.

JOGAR O ADVERSÁRIO EM VEZ DE JOGAR A BOLA

Decorria o minuto 78, quando o juiz da partida, J. Gomes resolveu dar por terminado o encontro, e estavam o Sporting e Benfica — vencedores dos jogos de sábado à tarde, pelas marcas de 1-0 sobre o Ajuda Sport e FARP, respectivamente, — empatados a uma bola. Esta decisão de J. Gomes que se derivou de «um pequeno assalto de pugilismo» entre Terêncio e Agostinho, teve mérito, porque conseguiu evitar que o estádio Lino Correia, se transformasse num campo de batalha.

Tudo começou com golpes sujos que os jogadores aplicavam entre si, principalmente Paulino e Dé. Os golpes entre estes dois eram cada vez mais duros e vertiginosamente culminaram com uma violenta cabeçada, aplicada por Paulino, que deixou Dé estatelado fora do rectângulo. Isto levou a substituição de jogador «encarnado» (Paulino). Acto contínuo, Dé entra em choque duro com Agostinho, provocando o pedido da sua substituição. A tensão aumentou entre os adeptos mais excitados, o apelo à calma, pelo árbitro não foi considerado e o jogo foi interrompido durante 15 minutos.

Após a saída de Dé, o jogo tomou o seu curso normal, mas com a particularidade de o ambiente estar cada vez mais tenso, tanto dentro como fora do rectângulo. E acabou, infelizmente, com o pugilismo acima descrito.

Para nós foi penoso o registo desta cena no «Lino Correia», mas os jogadores envolvidos não quiseram outra coisa, senão que fosse apontada e depois apresentá-la como um dos factores que contribuem grandemente para a estagnação do nosso futebol.

Neste encontro, as duas equipas não apresentaram na totalidade os jogadores habituais.

Enquanto os benfiquistas procuravam na sua progressão, fazer o bonito, com Nhama a abusar demasiadamente das fintas, o Sporting ia desenrolando o seu ataque com passes em profundidade. Contudo, não fizeram funcionar o marcador neste período de pressão, devido à falta de um homem que actuasse dentro da área. Este facto, dava tempo aos defensores en-

carnados para corrigirem as suas falhas.

PANAMONAI FALHOU O ALIVIO E TERÊNCIO ABRIU O ACTIVO

O primeiro sinal de perigo pertenceu aos «águias». N'Pinté foi lançado por Nhama, mas quando se preparava para invadir a área adversária foi placado. O árbitro apontou a marca da grande penalidade, que quanto a nós não existiu porque a falta foi cometida fora da área. Chamado a cobrar o castigo, Nhama atirou para as nuvens. Então, o jogo passou a desenrolar-se no meio campo. Numa descida pelo flanco direito, Melo vai a linha de fundo, entra na área com Panamonai a ilharga. Este na tentativa de aliviar, consegue fazer o pior, cruzando para a sua baliza. Este lance apanhou

Abel fora da baliza, os defesas, ficaram estáticos, à espera do alívio do seu colega, e Terêncio num toque subtil inaugurou o marcador, decorria o minuto 25. A partir daí o jogo foi endurecendo, as faltas acumulando umas atrás de outras. No entanto, aos 65 minutos o Benfica desce com determinação para o contra-ataque. Niná e Nhama fazem tabelas rápidas que apanham a defensiva sportinguista desprevenida. Nhama faz o último toque para Niná, que ao passar pelo último defensor «leonino» foi rastejado perto da pequena área. Penalty sem contestação. O próprio Niná transformou-o da melhor maneira. O jogo ganhou emoção e os golpes iam cada vez aproximar do seu ponto crucial, apesar dos esforços de J. Gomes

que, excepto o primeiro castigo máximo por ele assinalado neste encontro, esteve muito certo até na decisão de acabar com o jogo, sem que se apurasse o vencedor do torneio, porque nenhum dos dois finalistas merecia ganhar o troféu dos árbitros.

Gostamos mais foi do espectáculo proporcionado pelas equipas de árbitros e de dirigentes de alguns clubes nacionais, numa partida amigável que durou 30 minutos — foi pena o tempo ter sido só de 30 minutos, porque houve muita coisa neste jogo de se aproveitar por parte dos nossos jovens, nomeadamente o desportivismo e um grande empenho — a que foi ganha pela formação dos árbitros, por 1-0, golo obtido por Ramiro Morgado, na primeira parte.

Hussein-Dey vence Taça da Argélia

A equipa de M. A. Hussein-Dey venceu a Taça da Argélia ao derrotar na fase final a formação de J. E. Tizi-Ouzou, por duas bolas a uma no estádio 5 de Julho, em Argel.

Mesmo depois de expulsão de Zarabi na primeira parte, homem influente na manobra da equipa do Hussein-Dey, a formação de Tizi-Ouzou, não conseguiu levar de vencida o seu adversário.

Torneio internacional de Ténis em Cabo Verde

Uma selecção de ténis da Escola Central de Lawn Tennis de Bissau encontra-se desde 26 de Junho findo na República irmã de Cabo Verde, onde irá participar num torneio internacional da modalidade. A realização deste torneio enquadra-se nos festejos do 4.º aniversário da proclamação da independência de Cabo Verde, que se celebra no 5 dia de Julho corrente.

Além da Guiné-Bissau e Cabo Verde, participarão também neste torneio que se desenrolará em S. Vicente, as selecções de Angola e Portugal. A nossa selecção é composta de três tenistas, Valdemar Oliveira, Tony Marques e Tony Davyes, e é chefiada pelo professor Nuna Oliveira.

Assembleia Geral do CSSA

YAOUNDÉ — A nossa Assembleia Geral do Conselho Superior dos Desportos em África (CSSA) reunirá em Yaoundé, de 14 a 18 de Dezembro próximo. Terá como ordem de trabalho, a eleição do presidente, vice-presidente e secretário-geral do CSSA, anunciou um comunicado publicado na quarta-feira, na capital camaronesa, sede do Secretariado do Conselho.

A ordem do dia da assembleia prevê entre outros, a ratificação da decisão do Quénia em organizar em 1982 os IV Jogos Africanos, em Nairobi. O comunicado indicou por outro lado, que a assembleia-geral será precedida pela décima quarta sessão do Comité Executivo do CSSA, precisamente nos dias 10, 11 e 12 de Dezembro.

Angola Medalha Bronze em atletismo

Desportistas angolanos confraternizaram com o povo moçambicano durante as comemorações do quarto aniversário da proclamação da independência nacional da República Popular de Moçambique, que se celebrou no passado dia 25 de Junho, segundo uma notícia publicada no «Jornal de Angola».

Com efeito — acrescenta aquele jornal — duas selecções (jovens e seniores) e uma de atletismo tomaram parte nas provas desportivas do amplo programa de festividades organizado para assinalar aquele dia.

O convite foi dirigido pela Direcção Nacional de Educação Física e desportos de Moçambique à sua homóloga angolana, no quadro dos laços fraternais e de amizade que unem os dois países.

Anúncios

AVISO

«A Embaixada dos Estados Unidos da América avisa a todos os convidados para a recepção a realizar-se no dia 4 de Julho de 1979 na Embaixada, que a mesma foi mudada para o mesmo dia e mesma hora no salão de festas da UDIB».



COMUNICADO

O camarada Víctor An-sú Danfá, responsável da Informação e Propaganda da UNTG no Grande Ho-

tel, convoca a todos os naturais de Mansoa e simpatizantes para uma importante reunião a realizar no dia 8/7/79, pelas 10 horas, numa das salas do Ciclo Preparatório Salvador Allende.

A reunião é presidida pelo camarada Adelino Mano Queta, Director Geral da Alfândega, com a presença dos camaradas Jorge Santamarina Miranda Lima, Secretário Geral dos Antigos Combatentes da Liberdade da Pátria e José Dieb.

Dada a importância da reunião, pede-se a comparecimento de todos,

Farmácias

HOJE: «Central Farmedi n.º 1» — Rua Guerra Mendes, telefone 2460.

AMANHÃ: «Farmácia Moderna» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

Cinema

MATINÉ: «Luzes da Cidade» — M/13 anos, às 18,30 horas.

SOIRÉE: «Golpe Audacioso» — M/18 anos, às 20,45 horas.

Telefone

BOMBEIROS HUMANITARIOS — Telef: 2222
POLÍCIA; 1.ª Esquadra 3888 - 2.ª Esquadra 3444
HOSPITAL SIMÃO MENDES — 2866/67/68

Nô Pintcha

Trissemanário do Comissariado de Informação e Cultura — Sai às terças, quintas e sábados.

Serviço Informativo das Agências: AFP, APS, TASS, ANOP, Prensa Latina, APN e Nova China.

Redacção, Administração e Oficinas — Avenida do Brasil — Telef.: Redacção 3713/3728 — Administração e Publicidade, 3726.

Assinatura — (Via Aérea) Guiné-Bissau e Cabo Verde:

Seis meses 450,00 P.G.
Assinatura (Via Aérea) África, Europa e América:
Seis meses 550,00 P.G.
Um ano 700,00 P.G.

Coreia

Clima favorável a negociações

PYONGYANG — A agência de imprensa central da República Popular Democrática da Coreia, KCNA, anunciou que a parte norte da Coreia está disposta a encontrar-se com Park Jung Hi, presidente do Partido Republicano Democrático da Coreia do Sul, a fim de acabar rapidamente com a divisão nacional.

A declaração afirma que «Kim Yong Sam, presidente do novo Partido Democrático da Coreia do Sul manifestou recentemente o desejo de avistar-se com o presidente Kim Il Sung e de ter conversações com responsá-

veis da parte norte, em qualquer momento e lugar, com vista a reunificação da pátria».

«Actualmente, está em curso na Coreia do Sul uma ampla discussão a respeito da declaração do presidente Kim Yong Sam». A declaração acrescenta que «é uma posição firme e invariável do Partido do Trabalho da Coreia e do governo da República que as personalidades do norte e do sul se encontrem e travem negociações multilaterais ou bilaterais para a reunificação independente e pacífica da Coreia».

Zimbabwé: OUA condena a política anglo-americana

O governo conservador britânico caminha cada vez mais para um reconhecimento de facto do regime fantoche da Rodésia, condenado internacionalmente. Depois da designação, na semana passada, de um representante especial da Grã-Bretanha em Salisbúria, o Primeiro-Ministro, Margaret Thatcher, deu a entender no domingo em Canberra (Austrália) que o seu governo levantará em Novembro próximo as sanções impostas há 14 anos ao regime ilegal.

Esta evolução negativa da política britânica na África Austral, coincide com a segunda agressão armada rodesiana numa semana, contra o território soberano da Zâmbia.

Anteontem, comandos rodesianos aerotransportados atacaram um depó-

sito de munições da Frente Patriótica do Zimbabwé, situado a 25 quilómetros de Lusaka, capital da Zâmbia. Vários edifícios civis foram destruídos e houve mortos entre a população.

Já na terça-feira passada, as tropas do governo «africanizado» de Muzorewa (que prossegue a mesma política belicista de Ian Smith), atacaram Lusaka e seus arredores, causando numerosas perdas humanas. Estas agressões rodesianas visam reprimir o movimento de libertação do Zimbabwé, intimidar os países da «linha de frente» e levá-los a retirar o seu apoio à Frente Patriótica.

O Comité de Libertação da OUA, que esteve reunido recentemente em Dar-Es-Salam (Tanzânia), condenou vigorosamente

esta agressão, e manifestou-se surpreendido por constatar que o traidor Muzorewa vai visitar países que se dizem favoráveis a uma solução negociada com todas as partes implicadas no conflito rodesiano. «Ora, salientou um porta-voz da OUA, ter conversações com Muzorewa não beneficia todas as partes».

Por outro lado, o Comité de Libertação declarou-se profundamente preocupado com a próxima visita do fantoche Abel Muzorewa à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos. A 33.ª sessão do comité apelou os membros da OUA a intensificarem a sua ofensiva diplomática na próxima conferência da Commonwealth em Lusaka, a fim de isolar o regime fantoche rodesiano.

Eleições na Bolívia

LA PAZ — A esquerda boliviana, representada por Hernan Siles Suazo, ganhou avanço aos outros concorrentes às eleições presidenciais que desde domingo se desenrolam na Bolívia, e que são, segundo os observadores, as mais democráticas da história política do país.

De acordo com os primeiros resultados parciais e não-oficiais destas eleições, em que participam cerca de dois milhões de bolivianos, o ex-presidente Hernan Siles Suazo, candidato da Frente de União Democrática e Popular (esquerda democrática) encontra-se em primeiro lugar, seguido de Victor Paz Estenssoro, outro antigo presidente, apoiado pela coligação da direita, o Movimento Nacionalista Revolucionário. Em terceiro lugar está o general Banzer, antigo chefe de Estado boliviano.

No entanto, as sondagens são unânimes em prever que, qualquer que seja o resultado final das eleições presidenciais, nenhum candidato conseguirá a maioria absoluta, e que competirá ao congresso designar o presidente.

Os bolivianos devem designar também um novo congresso. Nenhum incidente nem nenhuma manobra fraudulenta foi assinalada durante as votações, que se têm realizado na calma e na ordem, sem a presença da força policial ou militar. (FP)

Sahara Ocidental: intensificação dos contactos mauritano-argelinos

Assiste-se actualmente a uma maior concertação política mauritano-argelina a propósito do Sahara Ocidental, que poderá conduzir ao restabelecimento das relações diplomáticas entre Argel e Nouakchott, nas vésperas da cimeira da OUA em Monróvia.

Com efeito, pela segunda vez em menos de um mês, uma delegação mauritaniana de alto nível encontra-se na capital argelina, onde encetou conversações com as autoridades locais. Conduzida pelo tenente-coronel Ahmed Sidi Ould Salem, segundo vice-presidente do Comité Militar de Salvação Nacional, a missão mauritaniana avistou-se no domingo com uma delegação argelina chefiada por Mohamed Benyahia, membro do Bureau Político do FLN e ministro dos Negócios Estrangeiros.

Uma comitiva mauritaniana já efectuou uma primeira visita de três dias a Argel, no final da primeira quinzena de Junho, durante a qual entrevistou-se três vezes com Ahmed Taleb Ibrahimi, ministro conselheiro do Presidente da República argelina e com o tenente-coronel Kasdi Merbah, secretário-geral do ministério da Defesa.

Por outro lado, a Argélia manifestou a sua satisfação pelo modo como o presidente Nimeiry, ac-

tual presidente da OUA e do Comité de «Sábios» sobre o Sahara encarregou-se do problema do Sahara Ocidental. Na sua reunião de 23 de Junho último, o comité adoptara algumas recomendações, uma das quais reconhecia o direito à autodeterminação do povo saharauí.

POLISÁRIO ATACA TAN-TAN

A rádio da RASD (República Árabe Saharauí Democrática) anunciou na sexta-feira que o terceiro ataque (27 de Junho) contra a cidade sul-marroquina de Tan-Tan, pelos

combatentes da Polisário, causou a morte de 247 soldados marroquinos, entre os quais um capitão, e a captura de 17. Segundo a rádio saharauí, 37 veículos e três blindados marroquinos foram destruídos nesta operação. — (FP)

Duzentos mil timorenses carecem de alimentos e de medicamentos

JACARTA — O governo da Indonésia encontra-se agora a braços com o grave problema dos refugiados que a sua agressão contra Timor-Leste provocou, após a guerra ter obrigado milhares de pessoas a abandonarem as suas casas.

Com efeito, segundo o diário «Kompas» de Ja-

carta, cerca de 200 mil refugiados da parte leste de Timor estão a causar um grave problema económico à Indonésia, tendo uma necessidade urgente de medicamentos, de vestuário e de alimentos.

O diário cita um responsável local para acrescentar que a situação dos refugiados provisoriamente

alojados, só poderá piorar se não houver uma ajuda imediata.

Além disso, novos refugiados chegam diariamente às cidades do litoral, onde se levantam os mesmos problemas de acolhimento e de inserção. — (FP)

Amnistia na Libéria

MONRÓVIA — Todas as pessoas presas na Libéria depois das manifestações anti-governamentais de 14 de Abril que causaram cerca de 70 mortos e centenas de feridos, foram amnistiadas, anunciou na terça-feira passada o chefe de Estado liberiano, William Tolbert.

Entre as pessoas que beneficiaram desta amnistia figura Gabriel Maccus, chefe da Aliança Progressista da Libéria, considerado como um dos responsáveis das manifestações, que teve como pretexto a discordância contra o aumento de preço do arroz, e que acabaram

por degenerar em tumultos violentamente reprimidos.

O presidente Tolbert deu esta notícia a seguir a uma reunião do seu governo durante a qual particularmente examinado o relatório da comissão de inquérito sobre os acontecimentos de 14 de Abril. — (FP)

PRETÓRIA — Seis jovens patriotas sul-africanos foram enforcados na terça-feira passada em Pretória. As autoridades racistas sul-africanas condenaram-nos por acusação de «assassinato». Os seis jovens são: Gerrit Vikus Mogane (20 anos de idade), William Makatane (24), Simon Mabote (20), William Koako (20), Jerome Seale (20) e Oseas Tlale (26). Estes seis enforcamentos aumentam para 53 o número de execuções em Pretória desde o início deste ano. (FP)

... E NA NAMÍBIA

LUANDA — A polícia racista sul-africana e agentes dos serviços secretos procederam a detenções e buscas em Katatura, subúrbio africano da capital da Namíbia ocupada, Windhoek. Cerca de 1 500 pessoas foram presas. (Tass)

NEGOCIAÇÕES CHINA-VIETNAM

PEQUIM — O Vietnam propôs à China um acordo visando a cessação de todas as actividades ofensivas entre os dois países a partir de 5 de Julho. Este acordo foi feito durante a sessão de abertura das negociações sino-vietnamitas, na quinta-feira passada em Pequim. O vice-ministro vietnamita dos Negócios Estrangeiros, Dinh Nho Liem, anunciou que a China rejeitou esta proposta. (FP)

SATÉLITE INDIANO

NOVA DELI — A estação radiogonométrica de Sriharikota, na Índia, começou a receber as informações emitidas pelo segundo satélite indiano «Bhaskara», lançado na órbita terrestre a 7 de Junho, com ajuda de um foguetão soviético, a partir do território da União Soviética. (ADN)

ENSAIO NUCLEAR

MOSCOVO — O Paquistão realizará brevemente um ensaio atómico na região de Chitral, informou na quarta-feira a agência Tass, dando conta de rumores a este respeito na ONU, mas ainda não confirmados. Referindo-se às mesmas fontes, a agência soviética acrescentou que os dirigentes paquistaneses visitaram recentemente os locais reservados para esta experiência, a fim de se inteirarem dos preparativos do ensaio. (FP)

Nicarágua: tentativas para manter o somozismo

A actual situação política na Nicarágua é caracterizada pelas tentativas americanas de evitar uma queda violenta do regime do ditador Anastasio Somoza e a consequente tomada do poder pelas forças patrióticas lideradas pela Frente Sandinista, que se opõe a toda a negociação com Somoza.

Nos últimos dias, o novo embaixador americano em Manágua, L. Pezzulo, contactou três vezes o ditador Somoza, a fim de discutir os detalhes do projecto americano de resolução pacífica. Paralelamente, representantes oficiais da Casa Branca travam conversações com os «adver-

sários moderados» da ditadura, escreveu o jornal «New York Times». O jornal sublinhou que a administração americana pretenda assim limitar a influência sandinista no seio do futuro governo.

Segundo o «New York Times», os Estados Unidos procuram sobretudo impedir a liquidação dos 15 mil soldados da Guarda Nacional, que representam para Washington uma garantia.

O jornal «Humanité» escreveu que a Casa Branca finge ter dificuldades em «persaudir» Somoza a demitir-se, quando na realidade procura ganhar tempo a fim de se preparar para o período do

«após Somoza».

A direcção da Frente Sandinista lançou um apelo ao povo da Nicarágua para se manter vigilante face a todas as manobras imperialistas. Evocando a decisão de retirar as suas unidades da capital, a FSLN considera que Manágua está cercada pelas suas tropas e que a cidade está isolada de todo o país. Unidades sandinistas lançaram uma ofensiva contra Manágua a partir de quatro pontos estratégicos da Nicarágua.

A retirada dos destacamentos sandinistas de Manágua é feita a fim de reagrupar as tropas para dar um golpe final à capital. Destina-se tam-

bém a privar o ditador do protejo que lhe permite justificar os bárbaros bombardeamentos dos bairros da cidade, que prejudicam principalmente à população civil.

GOVERNO PROVISÓRIO

O Governo Provisório de Reconstrução Nacional da Nicarágua anunciou a formação de um Conselho Nacional, órgão legislativo de 30 representantes das forças da oposição, nomeadamente da Frente Sandinista. A constituição deste organismo marca a primeira etapa da realização do plano de reconstrução do país aprovado por toda a oposição ao regime de Somoza.

Um sector nacionalizado será criado com base nos bens confiscados a

Somoza e à sua família. A Guarda Nacional será remodelada.

Peritos soviéticos de Informação regressaram ao seu país

Os peritos soviéticos no domínio da Informação e Propaganda do Comité Central do PCUS, que visitaram a Guiné-Bissau, regressaram sexta-feira a Moscovo. Aqueles ideólogos soviéticos encontravam-se no nosso país há um mês a convite do PAIGC.

Durante a sua estadia estes dois camaradas tiveram reuniões com os camaradas José Araújo, Secretário Executivo do CEL do Partido, Otton Scharcht, Secretário do CNG do PAIGC e Carlos Lopes Pereira, responsável do Departamento da Informação e Propaganda do CNG, e um encontro com os jornalistas da Guiné-Bissau conforme noticiámos no nosso número anterior.

O chefe da delegação soviética Valeri Bulianov, disse que este sua estadia na Guiné-Bissau foi «útil» porque «trocamos experiência de trabalho no domínio da Informação e Propaganda e conhecemos a experiência do PAIGC e das organizações de base».

O camarada Bulianov disse que está satisfeito com este mês de estadia no nosso país e anunciou que os dois partidos vão fazer trocas de delegações anualmente no domínio da Informação e Propaganda e sublinhou que esta sua viagem a Guiné-Bissau abre uma nova página na história das relações entre o P. A.I.G.C. e o PCUS.

Recuperação de bolanhas no Sul

(Continuação da 1.ª página)

se ocupe da produção de arroz, mancarra e algodão, e estabelecem como meta a atingir (pelo D.E. P.A.) na campanha de 1980, a produção de 200 toneladas de sementes seleccionadas.

Entre várias outras resoluções, os técnicos recomendam ao DEPA a elaboração, para 1980, de um programa nacional de investigação para a cultura de arroz, com destaque para às fertilizantes. Por outro lado, o 3.º E. N.T.A. acorda em que se estude a criação em local, a definir no mais curto espaço de tempo, de uma escola de formação agrícola.

«Nós podemos ler todos os livros e constatar todas as experiências de outros países, mas se não tivermos um contacto permanente, se não observarmos cientificamente os trabalhos feitos pelos nossos agricultores, as nossas recomendações podem ser apenas uma perturbação aos hábitos de trabalhos, digamos, uma forma de resolver os problemas dos agricultores» — afirmou o Comissário Mário Cabral, chamando a atenção dos

conakry

(Cont. da 1.ª pág.)

Governos mas também dos próprios chefes de Estado».

Segundo o camarada Victor Saúde Maria, que foi recebido, à cabeça da delegação que chefiava, pelo Presidente Sekou Touré essa necessidade impõe-se, não só devido aos laços antigos de amizade, mas também com vista a levar avante a cooperação, no interesse dos dois povos.

técnicos para a necessidade de acção em cada comunidade populacional, de acordo com a realidade local.

Pouco antes o responsável do DEPA, Carlos Silva Schwartz, fizera uma introdução, seguida da leitura das recomendações finais, na qual se agradece a presença do Comissário e se definem as «discussões acaloradas» que marcaram os quatro dias de reuniões, «como um reflexo do engajamento dos técnicos na solução

de problemas que se colocam ao país, nesta fase de Reconstrução Nacional».

Respondendo às considerações de Pepito, Mário Cabral disse que longe de a sua presença ali constituir um «estímulo», a realização do encontro por si só é um estímulo e um encorajamento para o prosseguimento dos trabalhos do Comissariado.

O Comissário do Desenvolvimento Rural anunciou para Outubro próximo, a realização da

primeira Conferência dos técnicos agrícolas, que será a assembleia máxima dos trabalhadores do seu departamento. Referindo-se ao aumento de produção do alimento base, classificou o arroz de «nosso companheiro de cada dia» e acrescentou que o seu aumento de produção não significa o desperdício do excelente, antes pelo contrário, será encaminhado para a comercialização no estrangeiro como fonte de receita para o país.

Luta comum contra o imperialismo

Uma delegação do Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha-PSUA, deixou sexta-feira passada, o nosso país de regresso a Berlim. A Comitiva que era chefiada pelo camarada Rainer Knoll, do CC do PSUA e segundo secretário da direcção do Partido, no distrito de Gare, chegara a Bissau no passado dia 14 de corrente e no dia 16 seguiu para

Cabo Verde, onde esteve uma semana, em contactos com o Secretariado do CNCV, voltando a nossa capital no dia 23.

«Durante a nossa estadia na Guiné-Bissau tivemos a oportunidade de ter contactos com as realidades guineenses e trabalho que o PAIGC está a desenvolver e trocámos experiências sobre a nossa luta comum contra o

imperialismo», disse Rainer Knoll à partida para a RDA. O dirigente alemão classificou de positiva a sua viagem à Guiné-Bissau.

Sobre a cooperação entre o PAIGC e a PSUA, que data de longo tempo, o camarada Rainer Knoll disse que tem a convicção de que ela está bem fundamentada, pois que serve os interesses dos nossos povos.

Comissão mista Guiné-Bissau-Brasil reúne-se em Julho

Depois de quatro dias de visita ao país, a convite do Secretário de Estado das Pescas, camarada José Turpin, partiu sábado para Cabo Verde o director do Instituto de Pesquisas da Marinha Brasileira e da Fundação dos Estudos do Mar, almirante Paulo de Castro Moreira da Silva. Durante a sua estadia, o representante brasileiro foi recebido pelo Comissário Principal, camarada João Bernardo Vieira e pelo Comissário dos Negócios Estrangeiros, Victor Saú-

de Maria e teve reuniões de trabalho com o titular da pasta das Pescas.

A primeira reunião da Comissão-Mista Guiné-Bissau-Brasil realizar-se-á provavelmente de 9 a 13 de Julho próximo, em Bissau, segundo revelou o almirante Moreira da Silva, num breve encontro que teve com os órgãos de Informação nacional na Secretaria de Estado das Pescas, na quinta-feira passada.

Nesse encontro o almirante brasileiro disse que esta sua visita ao nosso

país foi essencialmente para contactos directos com as nossas realidades no domínio das pescas e ver que ajuda o Governo brasileiro pode dar a Guiné-Bissau para o desenvolvimento da actividade pesqueira.

A Comissão Mista Guiné-Bissau-Brasil foi criada no dia 18 de Abril de 1978, aquando da visita do camarada Victor Saúde Maria do CEL do Partido e Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, fez aquele país amigo.

A delegação brasileira

chegou a Bissau na quarta-feira passada e nesse mesmo dia foi recebida pelo camarada Comissário Principal, João Bernardo Vieira (Nino) e, anteriormente, pelo camarada Victor Saúde Maria, pouco antes da partida deste para Conakry. Teve igualmente um encontro informal com o Secretário de Estado das Pescas, camarada José Turpin.

No segundo dia da sua estadia na nossa terra, o almirante Moreira da Silva teve conversações na Secretaria de Estado das

Pescas com uma delegação do nosso Governo chefiada pelo camarada José Turpin. Em seguida a delegação visitou as instalações da Pesca Artesanal na capital, a Estrela do Mar e a GUIALP. No fim da manhã foi recebida pelo camarada Vasco Cabral, Comissário de Estado da Coordenação Económica e Plano, em visita de cortesia. A tarde o almirante Moreira da Silva proferiu uma palestra intitulada «Oceanografia e Pesca» para os alunos do Liceu Nacional Kwame N'Krumah.

Dia da Árvore

(Cont. da 1.ª página)

Pereira, secretário-geral da UNTG, João da Silva, do estado-maior das FARP e várias brigadas da JAAC e trabalhadores dos comissariados de DR e dos RN, foram plantadas cerca de duas mil árvores.

A campanha deste ano de reflorestamento foi limitada, de modo a que seja possível dar assistência técnica permanente às árvores plantadas. No ano passado a maior parte das plantas morreram porque não tiveram assistência do

que necessitavam.

Ainda na presente época das chuvas serão desenvolvidas novas acções de reflorestamento.

Aproveitando a comemoração deste Dia Nacional da Árvore, os Comissariados de Estado do Desenvolvimento Rural e dos Recursos Naturais renovam o seu apelo às populações e às autoridades locais no sentido de não provocarem queimadas, nem abaterem indiscriminadamente as árvores e plantar em árvores de fruto e essenciais florestais.